

O grande desafio

Cristal Soares Combes

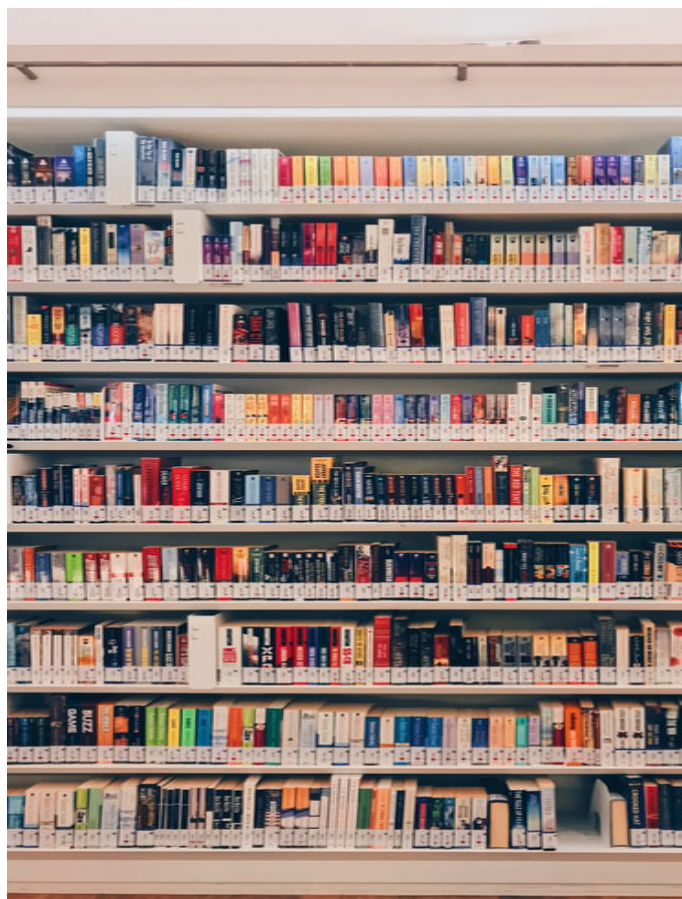
Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientadora de Estágio:

Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

07

No início do semestre de 2019.2, na disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores I, ministrada pela professora Rute Alves, eu enfrentei um desafio: voltar à uma escola de ensino médio. Mas quem sou “eu”, e por que isso foi um desafio? Primeiramente, me apresento: sou Cristal Soares Combes, aluno de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fui um aluno que, apesar de conseguir boas notas na escola, não era muito bem visto pela gestão escolar. Por que? Vamos listar... Era contra fardamento, horários, autoridade concedida, entre outros. E obviamente o “desafio” era ter que voltar a uma instituição a qual eu tinha uma visão preconceituosa, crítica e negativa. Vale salientar que eu não tinha uma visão contra uma escola em particular, e sim contra a organização escolar brasileira em geral.



(Foto: Zaini Izzuddin/Unsplash)

Agora vou falar sobre a escola que escolhi e que me aceitou para estagiar. Uma escola estadual da zona sul de Natal, que tem um nome grande e pomposo, o nome faz jus ao seu tamanho. É uma escola que possui 22 (vinte e duas) salas de aula, fora salas de laboratório, sala dos professores e demais anexos de atividades complementares, inclusive um ginásio, que infelizmente não foi entregue ainda.

A biblioteca possuía muitos livros e apesar de não ser frequentada por todo o público escolar, era bem aproveitada por aqueles que a utilizavam. Funcionava tanto como uma área de leitura como também para empréstimos de livros. A funcionária responsável pelo espaço era muito simpática e acolhedora, doou um bom tempo para nos atender, sanar dúvidas sobre o funcionamento e nos agradecer com uma boa conversa; nos contou sobre os alunos mais antenados à leitura e sobre seu tempo na escola, levantando os bons momentos e os não tão bons assim.

A instituição foi projetada para ser acessível a pessoas com necessidades especiais, e isso consta no seu Projeto Político Pedagógico (PPP), contando com rampas e corrimões, além de banheiros adaptados. A escola tinha uma aluna com Transtorno de Espectro Autista - TEA.

Na escola ainda existiam diversos projetos como karatê e grupo de dança, que inclusive tive o prazer de assistir a uma de suas apresentações, como também a uma apresentação de violoncelo, que conseguiu me fazer derramar duas lágrimas com um cover de umas das músicas de Johann Sebastian Bach.

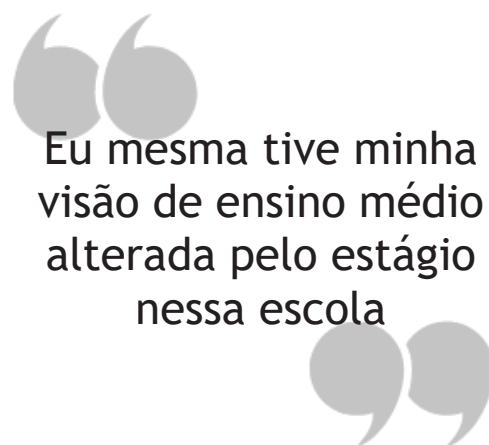
O grupo de karatê treinava semanalmente às quintas-feiras e os alunos eram muito dedicados, sendo possível escutar o treino por todo

o território perto do refeitório. O refeitório, dotado de umas 5 mesas, comportava parte dos 200 alunos do turno vespertino. A outra parte, que não sentava nas mesas centrais do refeitório, se acomodava nos bancos de conversa periféricos. A escola, como deveriam ser todas as escolas públicas, oferecia merenda escolar, por volta das 15:30h. Ela servia aos alunos pratos que variavam bastante, desde canja de galinha até mugunzá, mas apesar do cardápio variado, uma parcela dos alunos, geralmente os mais velhos, se recusava a comer a merenda e preferia comprar seu lanche no quiosque que ficava dentro das dependências da escola. Pode ser engano meu, mas aparentou que o costume de comer o lanche comprado no quiosque era uma forma de discriminação com aqueles que comiam a merenda escolar.

Falando agora um pouco sobre o grupo de dança. Os alunos que participavam, treinavam nos horários opostos aos seus respectivos horários de aula, assim como todas as demais atividades extracurriculares. A escola dispunha de uma sala de dança, com espelhos e chão liso, mas não sei afirmar se era usada com frequência, pois pessoalmente só presenciei sua utilização uma vez, no dia da apresentação ou show de talentos, como os próprios alunos preferiam chamar.

Apesar de eu não ter presenciado nenhum treino, além do grupo de karatê, a escola possuía um grupo de JIU-JITSU, que tinha uma sala dedicada aos seus treinos, e uma sala de musculação para atuar em paralelo com a luta.

A escola possuía diversos outros projetos, alguns tendo ligação com a UFRN, como o PIBID. Lá existia um grêmio estudantil, formado por três alunos que tanto participa-



vam da elaboração de eventos na escola como também eram mediadores em “negociações” entre alunos e a gestão escolar.

A gestão escolar era formada por duas mulheres, uma delas assumiu o papel de minha supervisora de campo, e eu tinha o prazer de ir ao seu encontro todos os dias para tirar dúvidas, assinar a lista de frequência e, claro, para ter acesso a laboratórios e demais ambientes para observação. Dentre os laboratórios, estavam o de biologia, física, robótica e a sala de informática, essa última era um tanto complicada, como foi explicado pela gestão, entre as burocracias e papeladas, não conseguiram ter ao mesmo tempo computadores e internet funcionando.

O laboratório de biologia, era equipado com lupas e uma vidraçaria bem variada, porém segundo a professora de biologia do colégio, os equipamentos estavam velhos e sem condições de uso. É uma pena, já que o laboratório tinha uma arquitetura bem planejada, com cinco mesas/bancadas de concreto centralizadas e planejadas para serem voltadas para os alunos.

A escola apresentava, além de banheiros, tanto adaptados quanto normais, vestiários, localizados perto do refeitório, um masculino e outro feminino.

Um pouco sobre os alunos, sem revelar a identidade, claro. O colégio abrigava obviamente alunos e alunas, e alunos com deficiência como

era o caso da menina com TEA. Os alunos eram de todas as regiões de Natal, menos da região circunvizinha à escola (região de classe média e média alta), isso segundo pesquisa realizada pelo meu grupo do estágio.

A escola apresentava, ao menos no turno vespertino, uma evasão escolar nítida, comparando o turno matutino com 700 alunos, contra 200 do vespertino. Os próprios responsáveis não sabiam explicar o porquê. Por estar localizada em uma área nobre de Natal, a escola chamava a atenção de criminosos e os frequentes assaltos que aconteciam nos arredores já haviam sido testemunhados por diversos alunos e funcionários.

A escola, apesar de seus defeitos, comparando com o modelo de escola pública co-

nhecido, possui capacidade para ser uma escola de nível reconhecido, contando com, além de aulas, projetos extracurriculares que chamavam a atenção, funcionários dedicados ao serviço e alunos com vontade de crescer. Talvez se vivêssemos em uma sociedade que valorizasse não só alguém educado, mas também o processo de educação, um colégio como esse seria uma instituição que produziria para a sociedade grandes nomes com capacidade para grandes feitos. Eu mesma tive minha visão de ensino médio alterada pelo estágio nessa escola, parei de enxergar a gestão escolar como doutrinadores e passei a vê-los como profissionais que tentam e fazem o máximo possível para que a escola cresça e evolua, assim como seus alunos.



(Foto: Artemisa de Andrade)